

= *leu* =

Erraram pelo ar naquela tarde loira efluvios
roxos d'alma e ansias de não- ser.

Mãos santas de rainha, loucos d'emeraldas,
davam aroma e pócio á brisa do crepusculo.

O ar naquela tarde era saudade e alcuu...

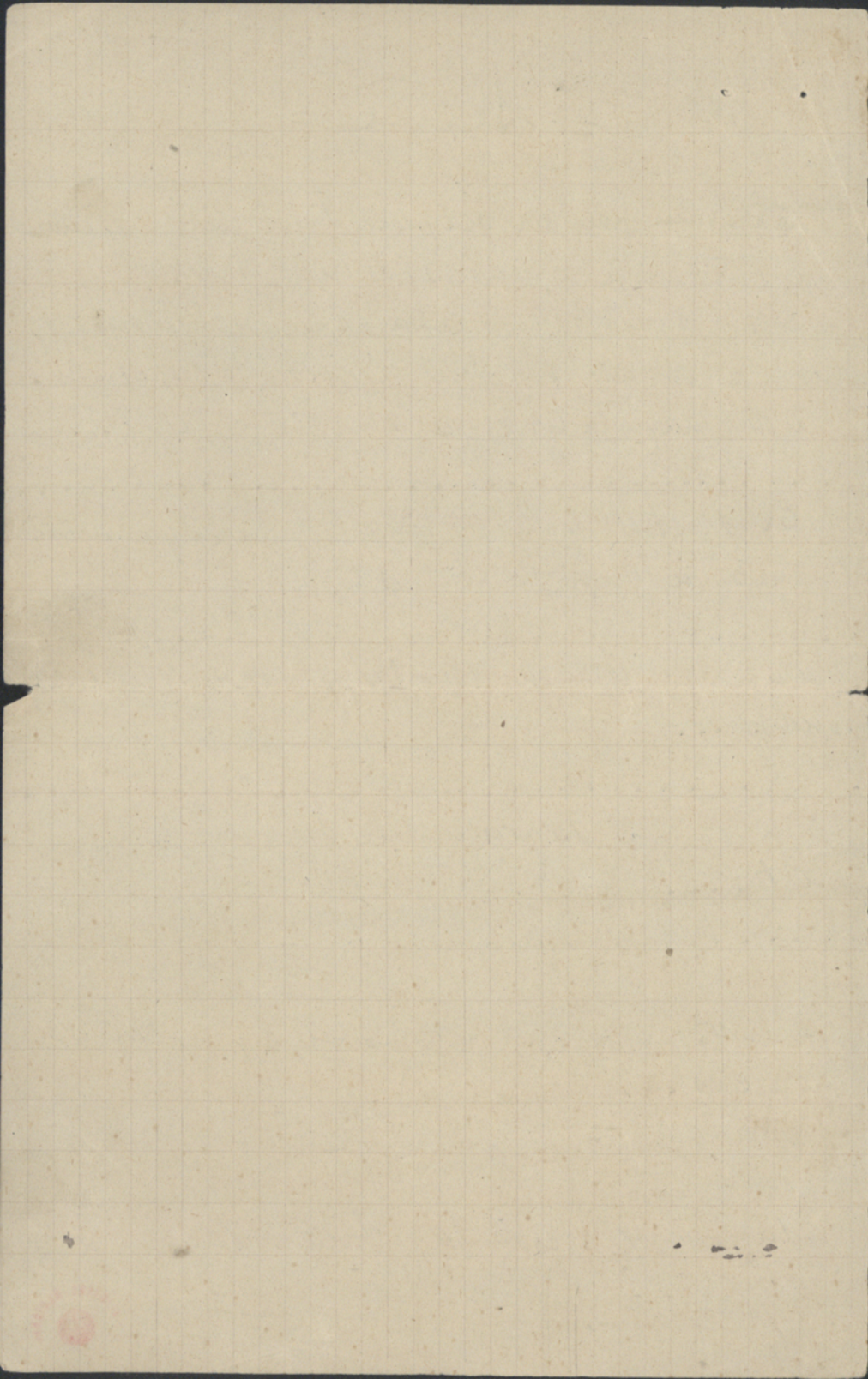
E as asas d'uma quimera, longinquamente
batendo, a ungi-lo de irref...

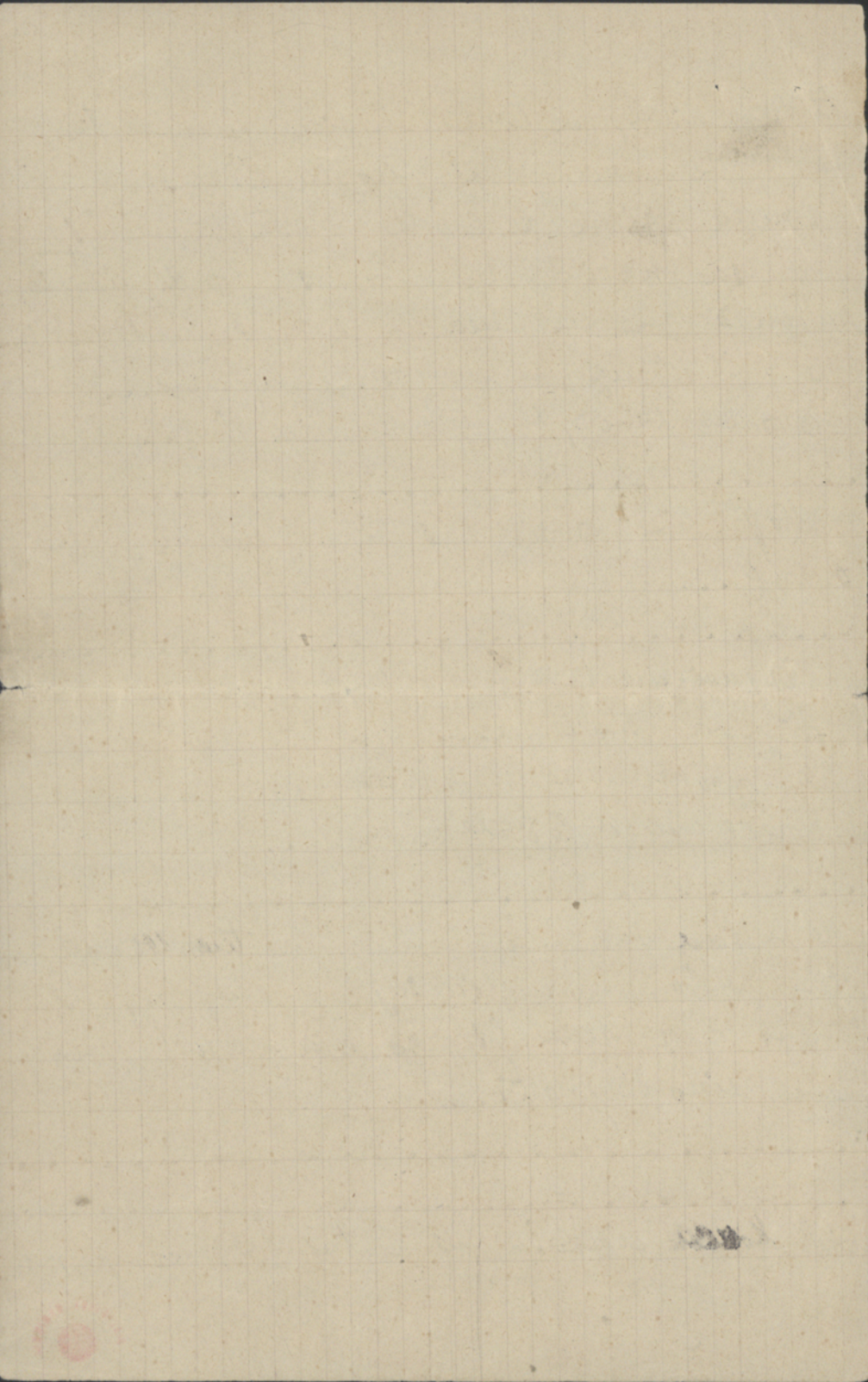
Lufadas de folhas mortas, todas skeirosas a
noubra...

Um ar que sabia a luz e que vangia a
cristal...

Emuito as longe, muito as longe, as casas
brancas...

Na grande alcova da victoria, toda nua e





o tornar mais acres, para me ferir melhor.

E os meus lábios de ansia, sofriam já da saudade
dos beijos que lhe iam dar.

.....

Às longe sempre as cosas brancas...

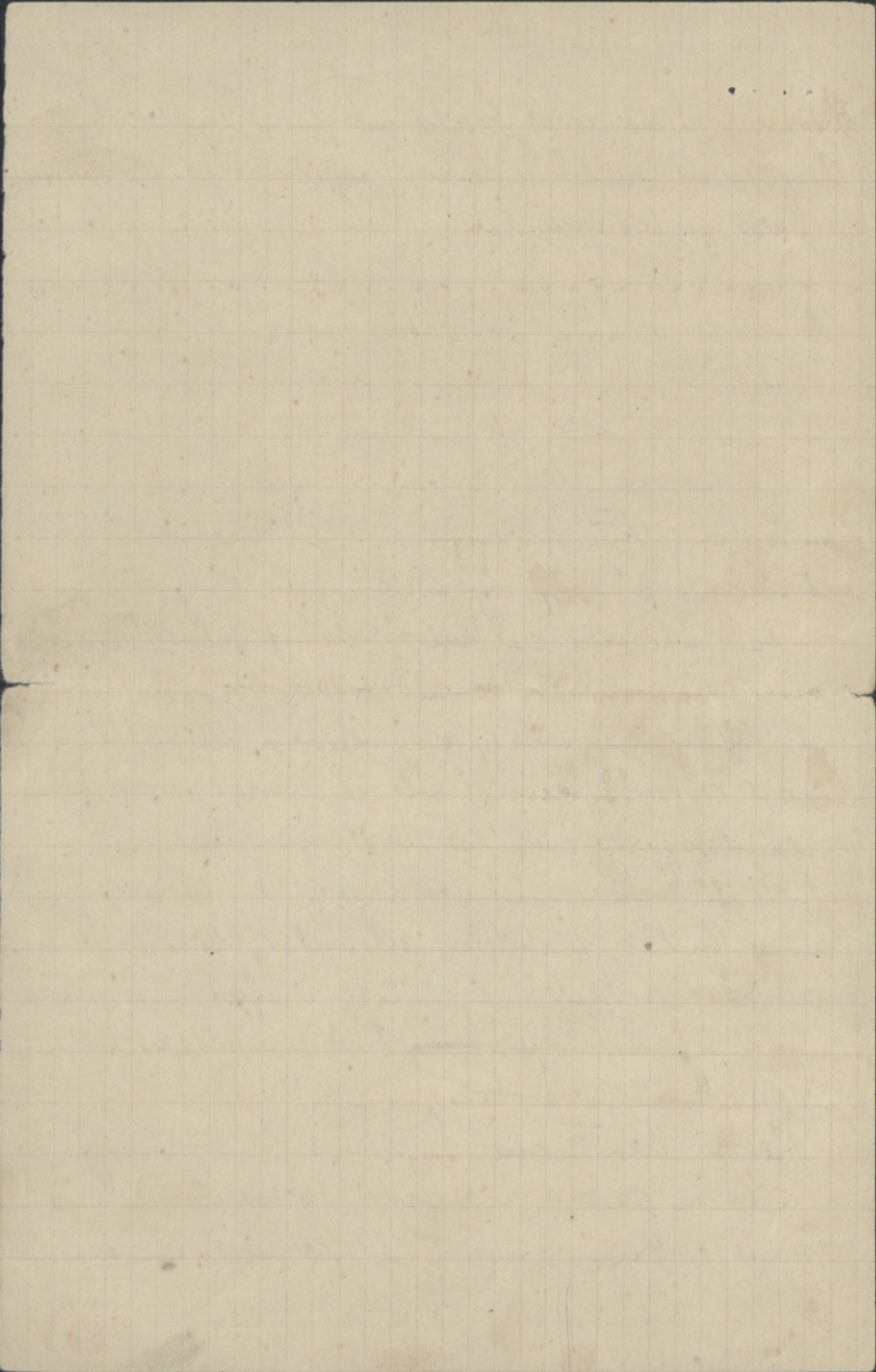
~~~~~

... E foi então quando eu já me sentia  
entrelaçado d'ouro, sagrado d'alem-côr, quando  
era todo encanto em laivos de infinito — que  
o instante abateu e me desencantou.

Sobre o meu corpo de equilibrio — uivos d'horror!  
uivos de horror! — cabriolante se lançava a teoria  
arriscadora dos angulos agudos, zombando  
estritamente dos redemoinhos e das curvas...  
Linhas brutais, turbilhões sinistraes, linhas  
quebradas destruidoras, tudo pulcavam, tudo  
rugaram, ~~tudo sufocaram~~! A limpidos! Ahim,  
piver! ~~A limpidos!~~...

Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresea de losangos veio  
descendo guturalmente a desnudar. E he



a carne nua — de toda a cor, de todo o sou, de todo o arôma; encerrando-a, a girar em volta dela numa vertigem monstruosa de círculos encunhados, impossíveis!...

Toda a helera em estilhaços gostava-me que lhe salvasse...  
É o meu olhar — que saudade! — não lhe podia valer...

As casas brancas não perdoam! As casas brancas não perdoam!...

~~~~~

Triste de mim, sem ar, a oscilar — ainda tão vibrante... Que
rir mentir a mim mesmo, queria voltar — mas tudo me perdoavam.

A força de ilusões volvi-me numa grande ventura: fui Príncipe
sem Rei, iluminado a luz falsa — luz que não soava,
e era ôca, deserta e meôria...

— Para quê? Para quê?...

Breve o meu corpo tombara na terra firme, anoi-teci-o
em alma — e tudo ruía ao meu redor: alas de insô-
mia, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'ouro... Tudo
ruía — mas tudo ruía em sortilégio, noitras ruínas: o ouro
em seio perdidos, a prata em glória abandonada...

Po' as ruínas das casas brancas, eram ruínas
de casas brancas...

Paris - Janeiro de 1913

Maris de Po' - Carneiro

Como eu não posso

Olho em volta de mim. Todos possuem -
Um affecto, um sorriso ou um abraço.
Só para mim as auriolas se diluam
E não posso mesmo quando eu laço.

As coisas que deixo - se as tacteis
Descubro que não são como as outras.
Forem-me superior e, em verdade, eu queis
Que mesmo tendo-as velas não me adivida

A vida acorava as pontas dos acios para os tornar mais acesos, para me sentir melhor

É o meu labio d'auréola sofriam já da saudade dos beijos que lhe iam dar... Mas de repente a beleza tornou-me o olho e eu espanto - pude empreender o esbeloso. Toda a beleza era morto...

Eu via... espaço... Eu via a an... E era cavalgada medonha dos anjels apidos precipitados. E sobre o meu corpo ideal as materializa... Lo brutalmente tombados do redemoinho e das curvas. Logo a seguir - uma gaiola piecoseca de losangos com esou finados em volta da sua carne... E a sua beleza em estilhaços gritos e ruídos me a salvaram... Clar em túnicas e acãos e taças... Com pedra...

E ao longe sempre as caras brancas... As caras brancas não perdavam!

1.50
0.70
0.30

2.50
2.50

0.00

400

Opera - Rainey - 1.50

« Roumainville - 1.50

Trinité Eugénie 1.50

2
2
2
2

0.50
4.15

4.75

2.5

4.75

2.50

2.25

Quense - Bonnevill - 1.15

Savillon aux Bois - 1.5

Madame P. Denis Nuteil 53 us

Opera - Pardon aux Bois - 1.20

" - Pardon Bohémy - 1.20

Funiculaire Mont Ventri

Loiros de saço as long lobs a ours fusti gaus
Parfumer de l'ho crestiniez
Pur maguelader
Funicular de cor, intins, a'ed



A luster das cores que não foram decoreado
na alma - eu agora uma esfinge sem
viterio - e o maior dorador do meu olhar
vã era de ouro, ai não sou de ouro, reflexos
de ouro / gran reflexo - agora gran athenes
reflexo / reflexo / reflexo / reflexo / reflexo
reflexo de ouro. ~~reflexo~~ reflexo reflexo Otta
reflexo reflexo reflexo

Mas de muito o separo aul do suspiro
do ideal ~~me~~ Em novo ideal Arrengor
o meu corpo as alturas ... Quepei - me de noção
grifos ~~para~~ ~~at~~ ... ~~princípio~~
Tua! Tãa!

Grifos seu aras!

Deos seu fuba

Carta de Jermantabado

E então deseji de novo da terra

O cheiro de orgulho éle ~~era~~ ria
que se tinha enseguido eradir da
humildade - que as crises da vida
já nem o atraíam nem inspiravam
nem lhe suscitavam pensamentos.

E seu espirito ardeia mais
ato. do seu cérebro apenas
tremulava além. Coiza
estranha - ao emtanto isto,
cheio de orgulho, ao mesmo
tempo uma anarquia infinito
de seu na alma. E' q' subindo
ele era a esta sublime e
sacrificado do genio. Entere
sublime e sublime,

Si vies encontro. e admiramos
as suas mãos e chegava mesmo
a beijá-las. E' q' se lembrava
de q' um dia ela as tinha
gahado.

- Gentil Amor
- O Homem dos Sonhos
- Alem
- Lettres à l'Inconnue



MADE IN U.S.A. 100% RECYCLED PAPER

Alem

NSD/2

= blenn =

Arrebatado pelo ar naquela tarde leve e flutuou
sobre a nuvem e ensias de não ser.

Quis voltar de repente; sacos e sacos de
deusa, deusa e sócio a brisa do crepúsculo.

Essa naquela tarde era nuvem e alem...

É o que das duas, querera, largamente
futura, a não se sabe mais.

Luzeiros e fôcos d'outro, todas as coisas
são...

As coisas sobre o mar e a grandeza
são...

Quanto ao tempo, tudo ao longo, as coisas
são...

que se pode chamar de Céu em Fogo

Paus. Janeiro de 1913.



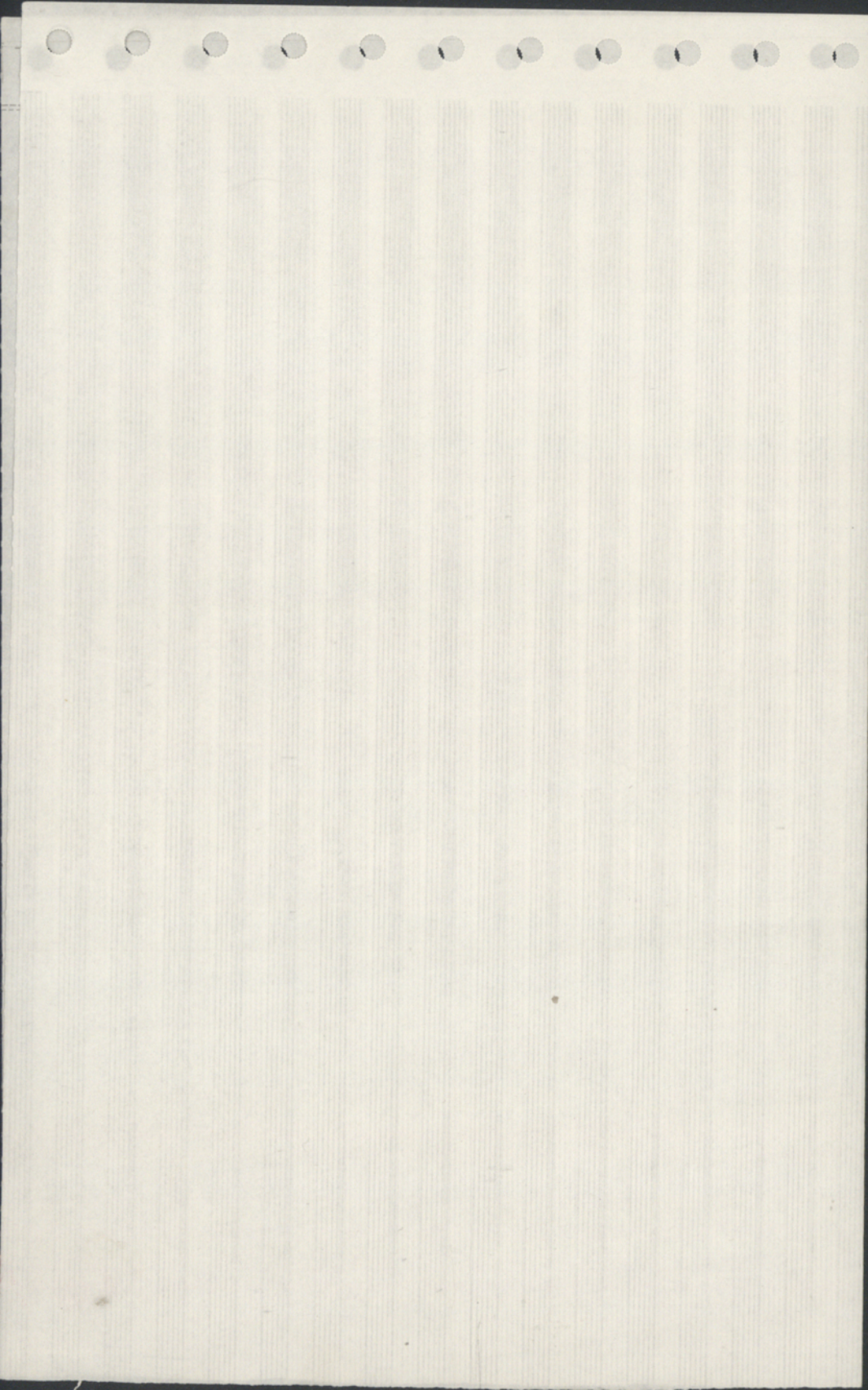
1524

Alum



Alum

1524



Alom

N. 12

San Juan

San Juan, P.R. 1910